

A CONSTRUÇÃO DO FANTÁSTICO NOS CONTOS “UM ESQUELETO” (1875) E “A SEGUNDA VIDA” (1884) DE MACHADO DE ASSIS

Giovanna Joly Manssur e Ana Lúcia Trevisan

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

O projeto estudou a presença da literatura fantástica nos contos de Machado de Assis: “Um Esqueleto” (1875) e “A Segunda Vida” (1884). Por meio das análises propostas foi possível observar as principais características da narrativa fantástica, a qual encontra-se, entre outras características, marcada pelas construções da incerteza, da dúvida e da hesitação. Por meio dos estudos teóricos Tzvetan Todorov (1939-2017) e David Roas (1965), foi possível observar e examinar as estratégias narrativas que articulam os efeitos de sentido da literatura fantástica presentes nos contos de Machado de Assis. Em ambas as análises se levou em consideração características já pré-estabelecidas nas grandes obras de Machado (*Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880), *Dom Casmurro* (1899), *Quincas Borba* (1892), *O Alienista* (1882)), tal como a crescente crítica à sociedade fluminense do século XIX e a evidente e constante ironia. Concluiu-se que as manifestações do insólito ficcional em ambos os contos produzem diferentes efeitos de mistério e constroem cenários distintos, apontando diferentes formas de manifestação do fantástico. Sendo assim, o principal objetivo desta pesquisa foi analisar os contos “Um Esqueleto” e “A Segunda Vida” e examinar as estratégias de composição narrativa que marcam a presença da literatura fantástica nos contos de Machado de Assis.

Palavras-chave: Literatura Fantástica. Machado de Assis. Insólito.

ABSTRACT

This project aimed to analyze the fantastic literature in the short stories by Machado Assis: “A Skeleton” (1875) and “The Second Life” (1884). Through this, it was possible to observe the main characteristics of the uncanny literature, which is found, among other characteristics, through the uncertainty, doubt and hesitation of the reader. Although Todorov (1939-2017) and David Roas (1965), precursors of the fantastic movement used in this work, have thoughts that differ in some aspects, it was possible to observe and inspect characteristics, when analyzing the stories separately, that are similar. In both analyses we took into account characteristics already pre-established in Machado's great works (*The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (1880), *Dom Casmurro* (1899), *Quincas Borba* (1892), *The Alienist* (1882)), such as the growing criticism of 19th century Rio de Janeiro society and the evident irony. However, despite having unusual aspects in both tales, they created different effects of mystery,

approaching, in such a way, fantastic literature in a different manner, albeit with the same narrative approaches. Therefore, the main objective of this research was to observe the short stories "A Skeleton" and "The Second Life"" and to locate and analyze characteristics of the fantastic literature present in Machado's short stories.

Keywords: Fantastic Literature. Machado de Assis. Uncanny.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de Iniciação Científica analisa as estratégias narrativas da literatura fantástica presentes nos contos “Um Esqueleto” (1875) e “A Segunda Vida” (1884) de Machado de Assis. A fim de compor as análises, são utilizadas as perspectivas teóricas sobre as narrativas fantásticas desenvolvidas por Tzvetan Todorov e David Roas.

Já é de conhecimento que Machado de Assis é um autor de grande prestígio e renome, tendo importantes romances e contos publicados. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880), *Dom Casmurro* (1899), *Quincas Borba* (1892) e *O Alienista* (1882) podem ser utilizados como exemplo de obras consagradas pela crítica, as quais são motivo de análise e debates literários frequentes. Contudo, os contos vinculados à narrativa fantástica de Machado, tal como “Um Esqueleto” e “A Segunda Vida”, não costumam ser colocados em pauta, motivo pelo qual a presente pesquisa foi desenvolvida, uma vez que nelas há elementos singulares que compõem o estudo da literatura fantástica e da obra machadiana.

Ao lermos Machado de Assis não lemos apenas o autor de *Dom Casmurro*, lemos a obra de um homem que viu o mundo de um modo único, mas também nos irmanamos com todos os outros leitores que também leram a sua obra e, de certa forma, sonhamos, ao nosso modo, o mesmo sonho, o mesmo universo criado por Machado de Assis. (CANDIDO *et al*, 2011, p. 69)

O crítico literário Alfredo Bosi (1936-2021), em sua obra *Machado de Assis - O Enigma do Olhar* apresenta as sutilezas utilizadas nas obras machadianas e descreve o objetivo das obras de Machado como o “comportamento humano” e diz que “esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império” (BOSI, 2020, p.11).

Leva-se em conta que as críticas realizadas por Machado de Assis tendem a focalizar em seu contexto sócio-histórico, uma vez que Machado expunha em suas obras e na construção de suas personagens características marcantes da sociedade fluminense do século XIX, apresentando a realidade brasileira.

Machado de Assis absorveu da realidade de sua época e utilizou o escamoteamento dessas dinâmicas justamente como forma de crítica e apontamento ao modelo literário-social da civilização burguesa, pautada nos preceitos liberais, universalistas e nacionalistas – pontos fundadores do pensamento racionalista-burguês dos séculos XVIII e XIX (PERASSOLI, 2019, p. 73)

Dado que Machado de Assis fez parte do período Realista, pode-se observar que o uso da razão se faz presente na tentativa de elucidar e explicar racionalmente os elementos insólitos que surgem nas narrativas fantásticas. Segundo Perassoli em sua tese “*ESPELHOS NEGROS: signos da escatologia na literatura machadiana e na série Black Mirror*”, Machado

de Assis redimensiona os preceitos da literatura realista, de tendência positivista e objetiva, ao propor uma escrita visceralmente irônica (2019).

Além disso, o pesquisador Vítor Castelões Gama expõe em seu artigo *Machado de Assis: a literatura fantástica no conto O Imortal* (2020) que Machado faz a utilização de elementos insólitos e questionáveis em suas narrativas para combater a presença do caráter científico. Por meio da utilização desses elementos, Machado consegue criar cenários e personagens que se encaixam nas características insólitas das narrativas fantásticas.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 Perspectivas Teóricas da Narrativa Fantástica

O universo do fantástico, de acordo com o livro *Introdução à literatura fantástica* (2019)¹ de Tzvetan Todorov, surge quando um acontecimento, o qual não pode ser entendido pelas leis do mundo conhecido ocorre: “O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2019, p.16). A partir disso, há duas possibilidades para explicá-lo; por meio da ilusão, ou seja, aquele fato narrado não passou de um fruto da imaginação do narrador, ou o acontecimento como parte da realidade, esta, regida por leis desconhecidas. O fantástico trabalha com essa incerteza, dúvida e hesitação e, portanto, não há uma determinação daquilo que é considerado correto mediante as duas possibilidades.

O fantástico implica, portanto, não apenas a existência de um acontecimento estranho, que provoca hesitação no leitor e no herói; mas também numa maneira de ler, que se pode por ora definir negativamente: não deve ser nem poética nem alegórica. (TODOROV, 2019, p.38)

Também utilizamos a obra *A ameaça do fantástico*, de David Roas, para aprofundarmos as teorias acerca da literatura fantástica, uma vez que sua opinião se difere, em alguns pontos, a de Todorov. O escritor e crítico da literatura fantástica, Roas, acredita que a definição de Todorov reduziria o fantástico a um puro jogo intratextual (ROAS, 2014, p.122). Para o autor, um dos principais aspectos atinentes à narrativa fantástica não é a hesitação, mas sim a postulação de um conceito de realidade e a subversão de seus limites.

Fora isso, Roas faz menção a Charles Dickens (1812-1870) e Edgar Allan Poe (1809-1849), escritores considerados como referência de temáticas que instigam o medo e o susto. De acordo com David as obras desses autores são consideradas narrativas “pseudofantásticas” (ROAS, 2014, p. 120), visto que eles utilizam estruturas e temas que

¹ Trata-se de uma obra de 1970, mas a edição utilizada será a de 2019.

fazem parte do mundo fantástico, entretanto, o sobrenatural não é retratado como temática central e perde lugar para outros aspectos. “O componente sobrenatural da narrativa de Dickens não tem como finalidade estabelecer uma transgressão ameaçadora do real, sendo em vez disso utilizado como meio para intensificar o efeito moral da história sobre o leitor” (ROAS, 2014, p 117). Dessa forma, os textos acabam por não despertar e evidenciar o efeito sinistro como assunto principal, mas sim, são utilizados como um pretexto para oferecer alegoria e sátira, definições que segundo Roas e Todorov não podem ser consideradas como fantástico.

O fantástico implica pois não só a existência de um acontecimento estranho, que provoca uma vacilação no leitor e o herói, mas também uma maneira de ler, que no momento podemos definir em termos negativos; não deve ser nem “poética” nem “alegórica”. (TODOROV, 2019, p.19)

Ainda que haja distintas concepções da literatura fantástica, tal como as ditas anteriormente, de acordo com a dissertação de Rhuan Felipe Scomação da Silva “*O Horror Cósmico de Lovecraft e o Efeito no Leitor*”, Lovecraft (autor conhecido pelas suas histórias de terror) apresenta outra concepção sobre a literatura fantástica: “sua forma de entender o fantástico procura deixar de lado os monstros horrendos e deformados, para entrar no obscurecimento das certezas, e no constante efeito de desconforto dos personagens e do leitor frente ao objeto fantástico” (p.62). Essa característica é tão essencial quanto o medo, uma vez que “Para Lovecraft, o medo é a constituição de uma incerteza frente ao objeto que estremece o leitor implícito” (SILVA, 2017, p.63), sendo assim, um objetivo essencial para a construção do efeito insólito. Característica que Todorov (2019) não concorda plenamente, uma vez que afirma que “o temor se relaciona frequentemente com o fantástico, mas não é uma de suas condições necessárias” (p.22).

2.2 Análise do conto “Um Esqueleto”

O conto “Um esqueleto”, que foi publicado originalmente em *Jornal das famílias* no ano de 1875, narra a história de um grupo de amigos que se encontram reunidos e conversam sobre temas diversos. No início da narrativa, ao anunciar-se a meia-noite, revela-se que a “Noite estava em pleno Hoffman”, fazendo menção a Ernst Theodor Amadeus Wilhelm, um escritor do romantismo alemão que escreveu narrativas de viés fantástico. Os amigos resolvem compartilhar histórias e Alberto, integrante do grupo, conta uma sinistra do médico Doutor Belém, um homem que guardava o esqueleto de sua esposa. O caso fica ainda pior quando o médico resolve se casar novamente dentro de três meses com Dona Marcelina, viúva da cidade, que só aceita o pedido de casamento na terceira tentativa. O Doutor chega a comentar com Alberto que caso sua atual esposa venha a falecer primeiro, o que, segundo

ele, é provável, fará companhia para sua ex-mulher. A união ocorreu e “parecia que os dois estavam destinados a gozar uma eterna felicidade. No fim de um mês fui lá, e achei-a triste” (ASSIS, 1875, p.7). Essa tristeza é fruto da descoberta da existência do esqueleto no qual o médico leva para todos os cantos, usando a justificativa de que o seu amor pela sua nova esposa não anula seus sentimentos passados - nesse momento se explicita o evento insólito. Alberto, que já tem conhecimento acerca disso, surpreende-se ao ser convidado para um jantar e ver que o cadáver ocupa um lugar na mesa e descobre, pelas palavras do próprio doutor, que ele matou sua esposa.

A partir disso, o homem evita ao máximo encontrar-se com o doutor, todavia, em um certo momento o médico diz que irá viajar e pede a Alberto para cuidar de D. Marcelina, quando retorna à cidade, sugere uma viagem entre os quatro. Na viagem, Dr. Belém leva, como de costume, o esqueleto — até mesmo a um passeio no qual estavam presentes Dr. Belém, suas duas esposas e Alberto. O médico afirma que há um amor, uma paixão crescente entre Alberto e sua atual esposa e que é de seu desejo fazê-los felizes e, por essa razão, irá juntar-se ao seu sincero amor, o esqueleto, “Quero fazê-los felizes, e só tenho um meio: é deixá-los. Vou com a mulher que sempre me amou. Adeus!”. Após essa narrativa, Alberto finaliza o conto dizendo que tudo aquilo não passou de uma história inventada, “o Dr. Belém não existiu nunca, eu quis apenas fazer apetite para tomar chá”.

Em *Um Esqueleto*, de 1875, há uma estrutura dividida em cinco capítulos, sendo o primeiro e o último apenas para o exercício da onisciência, ao inserir o leitor no contexto da narração e, ao final, bombardeando-o de dúvidas quanto à veracidade do que lhe foi narrado. (PERASSOLI, p. 78)

O conto “Um esqueleto” de Machado de Assis enquadra-se na literatura fantástica e, sendo assim, compõe-se por imagens de viés insólito que corroboram a criação do efeito de terror e suspense. O fato do conto iniciar-se no período da noite, cenário característico de contos de terror e mistério, fora a utilização de adjetivos, tal como solitário, frio, chuvoso e escuro “o mar batia perto na praia solitária”, “Da noite também não, que era feia e ameaçava chuva”, intensificam a criação do medo no leitor. Outro aspecto de viés interessante é que a história contada, a qual será narrada por Alberto, inicia-se quando o relógio bate meia-noite, um horário que é relacionado com a “hora do terror”, o momento que situações sinistras são mais propensas a ocorrer.

Um tópico importante é a descrição de Dr. Belém que, segundo o texto, era “um homem alto e magro; tinha os cabelos grisalhos e caídos sobre os ombros; em repouso era reto como uma espingarda; quando andava curvava-se um pouco” (ASSIS, p.2). Essas características podem ser vistas como semelhantes à de um esqueleto, um modo de Machado inserir aquilo que irá acontecer na história de forma sutil. “Podiam contar-se-lhe três ou quatro

rugos pronunciadas na cara, cuja pele era fria como o mármore e branca como a de um morto” (ASSIS, p.2). É notório que ao longo do conto, Machado de Assis utiliza o adjetivo frio inúmeras vezes, “perguntou friamente”, “antes me pareceu frio”, “continuou friamente”. Segundo Trevisan (2019), “diálogos marcados pela presença do duplo sentido corroboram para criar a tensão do fantástico” (p.29).

A utilização de expressões que fazem menção às imagens do esqueleto é extremamente comum neste relato. “Está na espinha”, frase dita por Dr. Belém ao mostrar sua primeira esposa, o esqueleto, para Alberto, ironizando o fato dela ser puro osso.

Esta ideia enterrou-se-me no espírito. No dia seguinte levantei-me convencido de que efetivamente o doutor quisera matar o tempo e juntamente aproveitar a ocasião de me mostrar o esqueleto da mulher. (ASSIS, p.4)

O trecho acima explicita que a utilização de certas expressões não é meramente ao acaso, uma vez que fazem parte do jogo de Machado para criar um ambiente mais macabro, pode-se notar isso com “enterrou-se-me no espírito” e “matar o tempo”. Para amplificar o medo, Machado utiliza um recurso que faz com que o leitor se sinta mais próximo do cenário e, conseqüentemente, com mais aflição, conforme é possível observar no seguinte trecho:

À tarde cairá de todo; e a ideia da noite e do esqueleto que ali estava a poucos passos de nós, e mais ainda as maneiras singulares que nesse dia mais do que nos outros, mostrava o meu bom mestre, tudo isso me levou a despedir-me dele e retirar-me para casa. (ASSIS, p.4)

A utilização da primeira pessoa do plural (nós), faz com que o leitor se visualize como parte da narrativa e, dessa forma, por imaginar a angústia da personagem, adquira uma maior empatia pela cena e, mediante isso, um maior desconforto. Pode ser utilizado como exemplo o seguinte trecho “Não lhes digo que seja bonito; não é bonito segundo a vida, mas é formosíssimo segundo a morte. Lembrem-se que isto somos nós também; nós temos de mais um pouco de carne” (p.9). A passagem anterior contribui para a criação do efeito insólito, dado que, é como se o conto considerasse o leitor como parte daquele ambiente criado.

Um trecho indispensável de citar é quando o doutor Belém diz a seguinte frase, referindo-se à sua futura esposa, “É possível que eu morra antes dela; mas o mais provável é que ela morra primeiro, nesse caso, juro desde já que irá o seu esqueleto fazer companhia ao outro.” Com isso observa-se que o doutor já tinha primeiras intenções desde o início e o pensamento de guardar o esqueleto da sua futura mulher já estava em seus planos, de forma natural. Fora isso, a violência psicológica feita com dona Marcelina é algo extremamente marcante, já que o esqueleto tem a força de impor o pensamento daquilo que pode vir a acontecer com a atual mulher, caso haja qualquer suspeita de uma má conduta. Quando o Doutor conta a história de ter matado sua esposa e se arrependido “A própria Marcelina

parecia comovida. Mas a comoção dela era também medo; segundo vim a saber depois, ela receava que o marido não estivessem íntegras as faculdades mentais”, fica em evidência o temor constante da atual esposa em relação ao marido. De acordo com Perassoli “a aproximação à figura de D. Marcelina remete paralelamente a uma projeção da sua primeira companheira – a fim de suplantar e reafirmar o estado da antiga” (p.295). Por meio de trechos como esse, o medo constante é colocado em evidência, a partir do fator que o esqueleto faz parte da rotina de Dr. Belém e sua esposa.

Machado de Assis também utiliza figuras de aspecto insólito no conto, tal como Fausto “Líamos então e comentávamos à nossa maneira o Fausto”, um protagonista de uma lenda alemã que fez um pacto com o demônio, e Mefistófeles, personagem conhecida como uma das encarnações do mal; aliada de Lúcifer na captura de almas inocentes através da sedução e encanto de roubos de Corpos Humanos atraentes. Essas figuras, personagens, corroboram o efeito do insólito, uma vez que são utilizadas por Alberto para referir-se ao Dr. Belém, um sujeito que segundo Alberto tinha “uma singular pretensão: um desejo de se parecer com a Mefistófeles”. (ASSIS, p.7).

Além dessas figuras, destaca-se que no início do conto, o narrador compara a noite a Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffman, dizendo “a noite estava em pleno Hoffman”, característica que, embora sucinta, não é meramente ao acaso. Hoffman foi um grande precursor do movimento fantástico, destacando-se por suas inúmeras narrativas de viés insólito. Perassoli afirma que “E. T. A. Hoffmann, reafirmando o clima funesto, aterrorizante da cena inicial permeada de suspense ao mesmo tempo que prepara, para a narrativa a ser engendrada, um teor satírico” (p.294).

Um ponto interessante é que Alberto diz não ter medo do esqueleto, mas sim de seu dono, Doutor Belém. A atitude de possuir um cadáver dentro de casa e utilizá-lo para fazer parte das refeições e do cotidiano “Ardia por saber a razão da presença do esqueleto na mesa do jantar” (ASSIS, p.8), como se estivesse vivo, era muito mais medonho do que o esqueleto em si. Alberto chega a questionar esses costumes de levar o esqueleto para o jantar, mas pensa que pode ser uma forma de desrespeitar a santidade do médico que diz: “Não é respeitar uma criatura que amamos em vida, o trazê-la assim conosco, depois de morta?” e ainda complementa: “O medo dos mortos, disse ele, não é só uma fraqueza, é um insulto, uma perversidade do coração. Pela minha parte dou-me melhor com os defuntos do que com os vivos” (ASSIS, p.9).

A presença do esqueleto como algo normal não deixa de ser insólito, embora não entre no espaço sobrenatural, “Quando o insólito pode ser posto em uma categoria reconhecível, não deixa de ser insólito, mas torna-se plenamente aceitável” (TREVISAN, 2019, p.24). Desse

modo, a ideia de ser algo mais comum do que pensamos acaba por gerar a verossimilhança dos fatores, e, por meio disso, um maior medo, devido à conexão com leitor. Isso intensifica-se em virtude de o esqueleto ser a imagem do corpo humano desestruturado, negado, um símbolo da concretização da violência de Dr. Belém. Sendo assim, essa imagem provoca agonia e tende a enfatizar o efeito de horror, pois o leitor acaba colocando-se naquela situação.

A chave do conto baseia-se em tudo aquilo que está ao redor do ciúme doentio do médico Belém, “Amou-a muito, e por esse motivo ainda a conserva” (p.4). A ideia de posse e do medo de perder qualquer vestígio de sua antiga mulher leva Belém à loucura que se intensifica ao ter em mente que foi ele próprio quem a matou. O motivo da morte foi a crença de que ela havia cometido um ato de adultério, “O doutor sentia o remorso do que praticara e a mágoa de ter perdido a esposa” (p.11). A ideia de traição assemelha-se à obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis, levando em conta que o seu estopim é a traição, porém, no caso do conto insólito, o que importa de fato é o desfecho da suposta traição, isto é, a morte de sua mulher e a conservação do esqueleto dela.

Embora seja repetido muitas vezes pelo Doutor Belém que há o arrependimento de seu ato, em um determinado momento, evidencia-se que não há sanidade mental para ter noção daquilo que foi e, continua sendo feito, dado que matar a sua esposa por ciúmes e guardá-la é algo fora do esperado, do comum, daquilo que a sociedade consideraria como normal.

É simples, continuou ele; é para que minha segunda mulher esteja sempre ao pé da minha vítima, a fim de que se não esqueça nunca dos seus deveres, porque, então como sempre, é mui provável que eu não procure apurar a verdade; farei justiça por minhas mãos. (ASSIS, p.11)

Ao dizer isso, Dr. Belém vai contra tudo aquilo que ele havia dito, uma vez que não há como ter arrependimento quando existe a pretensão de repetir seu ato, o que gera um efeito ainda mais tenso para o texto, dado que evidencia o caráter incerto da personagem. É interessante ressaltar que o modo no qual o texto molda as características do Dr. são fundamentais para a instauração do terror, na medida que o médico, além de ter sua aparência descrita de maneira sombria, tem atitudes que são vistas como fora do esperado por aqueles que estão em sua volta e até mesmo para o leitor.

É importante ressaltar ainda que, por meio do conto, nota-se o entendimento do médico de que o esqueleto é algo que faz parte de sua vida, está inserido nela, e, por isso, levá-lo para a mesa de jantar e beijá-lo “Era seu costume beijar repetidas vezes o esqueleto” (MACHADO, p. 12), são consideradas ações normais, mas, como ainda se trata de uma

realidade normal em cujo evento insólito instalou-se, para os outros, incluindo o próprio leitor, isso é abominável e fora do convencional.

O conto machadiano, ao trazer a narração emoldurada de um médico que se detém à imagem da falecida esposa por meio de um esqueleto, deixa transparecer esta relação descrita pelo historiador: a passagem, portanto, do apego às ideias positivistas, com exaltação da figura da morte, para a sua recusa, seu esvaziamento. O luto, assim, das personagens, já em termos freudianos, dá espaço a experiências que tentam responder à dor da existência humana (PERASSOLI, p.13)

A história tem o seu fim com Alberto dizendo que tudo aqui que foi construído não passa de uma invenção, a qual foi feita com o intuito de entreter seus amigos. Desconstrói-se tudo aquilo que foi criado e obtido até o presente, uma vez que o “medonho” e o “não natural” não passou de uma invenção do protagonista, criando um final duvidoso, pois todo o cenário criado é desmentido no final do conto. Segundo Fernandes, em sua tese *Machado de Assis quase-macabro* “Nos contos fantásticos machadianos, não há a justificativa/explicação para os “fenômenos” narrados; são dissolvidas, quase sempre, pelo simples despertar da personagem” (p.4) - o despertar, nesse caso, é o final da história de Alberto. Entretanto, é possível dizer que o efeito fantástico continua presente num todo, através de fatores e características narradas ao decorrer da história, uma vez que “mentir sobre o insólito é a forma de tratá-lo como verdade” (TREVISAN, p.28).

2.3 Análise do conto “A Segunda Vida”

O conto “A segunda vida”, publicado em 1884 na *Gazeta Literária*, narra a história de José Maria, um homem que alega ter passado por outras vidas e, devido aos seus aborrecimentos da vida anterior, não se permite desfrutar do momento atual. Por essa razão, ele vai procurar o padre Monsenhor Caldas para sanar suas dúvidas, aflições e lhe pedir orientação, este, conforme é mostrado na obra, fica com medo de José Maria e, logo de início, chama a polícia enquanto tenta distraí-lo, limitando-se a responder os seus questionamentos de forma curta. É fato que as indagações do protagonista não podem ser respondidas por alguém que não compartilhe a sua fé, o que leva a ironia machadiana, dado que o padre, figura na qual supostamente deveria crer em José Maria, é o primeiro a duvidar de suas palavras. A narrativa encerra-se com a chegada da polícia, solicitada no início pelo Monsenhor.

O conto tem seu início *in media res*, dado que logo no começo, devido aos aborrecimentos e questões a serem esclarecidas de José, ele vai à procura do padre Monsenhor Caldas. O padre mostra-se incomodado com a história e, sorrateiramente, faz um chamado à polícia enquanto distrai José Maria, respondendo-o de forma direta, tentando acabar a conversa o quanto antes.

As aflições do protagonista existem, uma vez que sua vida passada foi repleta de tristezas, as quais José acredita que irá vivenciar novamente e, sendo assim, não consegue desfrutar dos bons momentos de sua segunda vida. Um exemplo disso é a sua paixão por D. Clemência, devido às suas memórias ruins do passado, um período de aborrecimentos constantes que deixaram marcas e consequências em sua vida atual. José Maria diz que após morrer ele é recebido no céu com uma festa, a qual durou “dois séculos, ou, pelas nossas contas, quarenta e oito horas” (ASSIS, 2005, p. 95). De acordo com Carlos Roberto Junior Perossoline em sua tese “*ESPELHOS NEGROS: signos da escatologia na literatura machadiana e na série Black Mirror*” relata que no conto A Segunda Vida “a narrativa de Machado de Assis traça um esboço do que seria a própria concepção da morte” (2019), algo que pode ser vinculado às forças divinas.

A partir de um determinado momento do conto “A Segunda Vida” o homem começa a falar acerca de seu sonho recente, no qual a figura do diabo estava presente. Após esse momento, surge uma mistura da 1ª e 3ª pessoa na narração, provocando uma sobreposição de relatos. Temos a situação que parece real e, simultaneamente, uma alucinação de José Maria, terminando quando se ouvem os passos dos policiais, que foram chamados pelo padre no início da história. Pode-se dizer que “a dúvida permanece no leitor, afinal se o personagem que acreditávamos ser real é uma figura sonhada, quem pode garantir que nós mesmos não estamos sendo sonhados” (TREVISAN. p.29).

Mediante o breve resumo da obra feito anteriormente, é notório que “A Segunda Vida” se constrói por meio de estratégias narrativas próprias da literatura fantástica, haja vista que o conto, desde o princípio, propõe uma contrariedade a respeito da noção da realidade, característica fantástica.

É necessário que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo dos personagens como um mundo de pessoas reais, e vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos conhecimentos evocados. (TODOROV, 2019, p.19)

Essa vacilação pode se manter ou ser eliminada quando o leitor estipula se os acontecimentos têm ou não relação com a realidade, podendo ser ilusões ou devaneios. Dessa maneira, a perspectiva da história ocorre de acordo com a visão que o leitor tem em relação aos fatores narrados, podendo, por isso, causar diferentes interpretações e impactos em conformidade com o ponto de vista daquele que lê a obra. Em conformidade com Todorov “O fantástico implica pois uma integração do leitor com o mundo dos personagens; define-se pela percepção ambígua que o próprio leitor tem dos acontecimentos relatados” (p.19). Desse modo, nota-se que a vacilação do leitor, ou seja, a integração com o mundo das personagens é de suma importância para a obtenção do efeito fantástico.

O fantástico implica pois não só a existência de um acontecimento estranho, que provoca uma vacilação no leitor e o herói, mas também uma maneira de ler, que no momento podemos definir em termos negativos; não deve ser nem “poética” nem “alegórica”. (TODOROV, 2019, p. 12)

Assim como José Maria, o protagonista da obra de Ernst Hoffmann “Homem de Areia” (1986), Natanael não consegue desfrutar de sua vida, por vivê-la grande parte do seu tempo atormentado e aflito com o Homem de Areia e os males que este poderia lhe causar. A comparação entre esses dois protagonistas, José Maria e Natanael, ocorre a partir de eventos caracterizados por sua natureza fantástica que, nos dois casos, causaram o receio de desfrutar do presente.

O conto “O homem da Areia”, revela um personagem que sofre a influência de uma narrativa, marcada pelo insólito, ouvida em sua infância. A síntese da trama descreve a história de uma família cuja mãe dizia aos filhos antes de dormir que o “homem de areia” estava chegando e que ela já conseguia ouvir os seus passos. A fala da mãe, repetida todas as noites antes do garoto, acabou impactando sua percepção da realidade, já que ele afirma ouvir os passos do homem. Após questionar a mãe sobre essa história, ela fala que “Quando eu digo o Homem da Areia está chegando, quero dizer apenas que vocês estão com sono sem conseguir mais ficar com os olhos abertos, como se tivessem jogado areia em seus olhos”. O comentário não convence Natanael, principalmente devido à outra versão contada pela governanta: “É um homem mau, que vem procurar as crianças que não querem ir para a cama. Joga punhados de areia em seus olhos, que tombam ensanguentados, e os apanha, os enfia numa bolsa, e os carrega para a lua para alimentar seus netinhos” e ainda diz “eles estão lá, empoleirados em seu ninho, com os bicos recurvados como o da coruja. E bicam os olhos das crianças que não são boazinhas”. Esse relato, ouvido na infância, agrava seu medo e mesmo após já ter crescido o personagem continua em busca da referida figura insólita, o que acaba limitando sua trajetória de vida. O conto finaliza com a sua morte, a qual ocorre devido à sua perseguição pelo homem de areia, enfatizando o fato de Natanael não ter desfrutado de sua vida por decorrência do medo.

Como dito anteriormente, é possível traçar um paralelo entre a vida de Natanael e a de José Maria, enquanto ambos deixam de viver a vida por medo do insólito, daquilo sem explicação, mas que para eles, nos dois casos, é um fator de pura convicção. Em ambos os textos, nota-se que há a criação de dúvida acerca da situação que está sendo narrada, uma vez que o fato retratado pode ser visto como duvidoso para o leitor, porém, é tido como certeza aos olhos dos protagonistas, “conceito de fantástico se define pois com relação ao real e imaginário” (TODOROV, p.16, 2019). Esse fator corrobora a criação do efeito de sentido, tensão entre o possível e o impossível e cria uma semelhança entre o cotidiano dos dois protagonistas.

Além disso, por meio dessa relação do real e imaginário, descrita por Todorov, enfatiza-se a trajetória de José Maria. Partindo do princípio de que o protagonista de “A Segunda Vida” vivenciou uma “segunda vida”, a imagem insólita é colocada em ênfase, posto a possibilidade de uma vida ocorrer após a morte. Essa circunstância traz à tona o paralelo conflituoso e a vacilação entre o real e o imaginário, “tanto a incredulidade total como a fé absoluta nos levariam fora do fantástico: o que lhe dá vida é a vacilação” (TODOROV, 2019, p.18).

Dessa forma, aquilo que é contado por José Maria pode ou não ser visto como uma verdade, mas não pode ser comprovado, logo sua palavra é tudo o que lhe resta. No conto, a palavra do protagonista não tem muita validade, e, ironicamente, a pessoa para quem ele decidiu compartilhar seus anseios, o padre, não crê em nada daquilo que está sendo contado. Essa atitude de Monsenhor Caldas leva a uma das ironias machadianas presente no conto, na medida em que, as questões de José Maria só podem ser ouvidas e respondidas por alguém que compartilhe a sua fé e, ironicamente, a figura que deveria crer, Monsenhor Caldas, é a primeira a duvidar de suas palavras.

A ironia, mesmo que condescendente, e o humor melancólico são mediações tonais de um espírito alerta que não se entrega; quando parece fazê-lo, é só concessivamente, na medida em que reconhece o império dos interesses e a correlata urgência de salvar as aparências (BOSI, p. 55, 2020)

O final do conto fica em aberto, criando um efeito de dúvida que se encaixa no plano do fantástico, contribuindo para a vacilação do leitor, a qual pode permanecer ou ser eliminada quando o leitor decide que os acontecimentos têm relação com a realidade ou são ilusões. De acordo com Roas “a literatura fantástica oferece sempre uma temática tendente a contradizer nossa concepção do real” (p.111, 2014)

Leva-se em consideração que a obra traça um paralelo entre aquilo que pode e que não pode ser provado pelas leis conhecidas (TODOROV, 2019), contrariando a noção de realidade e explorando um novo universo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir daquilo que foi observado, é possível concluir que o elemento insólito das narrativas fantásticas se instalou em ambos os contos analisados nesse artigo: “Um Esqueleto” e “A Segunda Vida”. O efeito de mistério e tensão se faz presente, embora de formas diferentes, nos dois contos e, ao analisarmos, foi possível observar alguns elementos característicos das obras de Machado de Assis, tal qual a ironia e a crítica à sociedade brasileira do século XIX. O estudo em relação às obras de Todorov e Roas foram

indispensáveis para execução dessa pesquisa, visto que a utilização de distintas ideias sobre a literatura fantástica corroborou a observação e a análise dos contos machadianos.

Além disso, foi possível analisar ambas as obras e encontrar vários elementos de caráter fantástico que podem vir a passar de forma despercebida. Em “Um Esqueleto” encontramos um final que anula tudo aquilo que foi construído, enquanto em “A Segunda Vida” o desfecho do conto permanece em aberto, como podemos observar na teoria de Trevisan e Atik: “Em tantos momentos, a literatura deliberadamente explicita impossibilidades, escolhe imagens e situações que não encontram resposta no mundo que todos concebemos como real” (ATIK; TREVISAN, p.53, 2019). Essa divergência de finais é essencial para com a criação do efeito fantástico, o qual, como já dito e enfatizado na pesquisa, ocorre mediante a incerteza, dúvida e hesitação de determinado fato. A tese de Perassoli “*ESPELHOS NEGROS: signos da escatologia na literatura machadiana e na série Black Mirror*” foi indispensável para obter uma visão mais amplificada acerca das obras insólitas de Machado de Assis. Desse modo, foi possível analisar as histórias de maneira mais profunda e minuciosa, compreendendo, assim, referências e características da literatura insólita.

Portanto, esse estudo contribuiu para o estudo de contos pouco explorados em relação à literatura fantástica e suas vertentes e, assim sendo, ampliou o olhar sobre os contos de Machado “Um Esqueleto” e “A Segunda Vida”. Esse foram examinados à luz das perspectivas teóricas do fantástico e alinhados aos temas machadianos reiteradamente estudados, como os ciúmes e as críticas sociais.

4. REFERÊNCIAS

- ASSIS, J. M. Machado de. **Papéis Avulsos**. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.
- ASSIS, J. M. Machado de. **Histórias sem data**. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.
- ASSIS, J. M. Machado de. **Um Esqueleto**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994
- ATIK, M.L. G.; TREVISAN, A. L. **Narrativas Insólitas ou Realidades Possíveis**. São Paulo: Todas as Musas, 2019.
- BOSI, A. **Machado de Assis – O enigma do olhar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 4ª edição, 2007.
- CANDIDO, A. *et al.* **O Direito à Literatura**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2011-.
- FERNANDES, M. J. Machado de Assis quase-macabro. **Poésis – literatura, pensamento e arte**. 2011. V. 3 N. 3.

GAMA, C. V. **Machado de Assis: a literatura fantástica no conto O Imortal**. Recife: ISSN Digital, 2020.

HOFFMANN, E. T. A. **O Homem da Areia**. Rio De Janeiro (Rj): Rocco, 1986.

PERASSOLI JR, C. R. **ESPELHOS NEGROS: Signos da Escatologia na Literatura Machadiana e na série Black Mirror**. 2020. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/191415/perassoli_junior_cr_dr_assis.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 28 abr. 2022.

ROAS, D. **A Ameaça do Fantástico**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

TODOROV, T. **Introdução à Literatura Fantástica**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

SILVA, R. F. S. **O Horror Cósmico de Lovecraft e o Efeito no Leitor**. [S. l.: s. n.], 2017. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2395/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Rhuan%20Scomacao.pdf>. Acesso em: 24 maio 2022.

Contatos: giovannamanssur3@gmail.com e ana.trevisan@mackenzie.br